

Uma visita ao “Universo luminoso dos cosméticos”

Farmácia Das civilizações antigas aos nossos dias, exposição no Pólo III mostra os cosméticos como “poderoso aliado da humanidade ao longo da sua história”

Andrea Trindade

Tomar banho com gel de banho, lavar o cabelo com champô, os dentes com pasta de dentes, colocar creme hidratante, usar desodorizante e perfume são rotinas diárias. Já não “vivemos” sem cosméticos, é inequívoco o seu papel no bem-estar e qualidade de vida das pessoas, bem como a importância económica que assume a sua indústria. Mas poucos sabem que já as civilizações mais antigas produziam e utilizavam cosméticos – para o culto dos mortos e rituais mágico-religiosos –, que na Grécia e na Roma antiga os cosméticos eram usados em ginásios e termas, nos banhos de revigoração do corpo e da mente, ou que, do Renascimento ao século XVIII, as altas classes da sociedade se preocupavam bastante mais com o branqueamento da pele da face e das mãos, os penteados e os perfumes (usados para ocultar odores corporais), do que propriamente com o banho e a limpeza do corpo. Na exposição “O universo luminoso dos cosméticos”, promovida pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra (FFUC) e patente nas instalações do Pólo III, pode ficar a conhecer estes e outros pormenores da história dos cosméticos.

«No mundo farmacêutico, na interface entre saúde, farmácia e sociedade, os cosméticos e a cosmetologia constituem uma área de grande importância científica, técnica, higienista, social, cultural e económica», refere o catálogo da exposição, da autoria de João Rui Pita, Maria

de Lourdes Rebelo e Ana Leonor Pereira, design e tratamento de imagens de Victoria Bell.

Com 32 painéis, a mostra constitui «uma excelente oportunidade para todos que queiram visitar, de forma abreviada, a longa história dos cosméticos». «Pensa-se que os egípcios foram os primeiros a utilizar os cosméticos por questões de limpeza e embelezamento do corpo. Embalsamavam e decoravam os mortos e depois repararam que alguns desses produtos os protegiam do sol e começaram a usá-los com êxito», disse ao Diário de Coimbra João Rui Pita, à margem de uma visita guiada a alunos do 4.º ano de Ciências Farmacêuticas.

«Hoje, não há quem saia de casa de manhã sem usar produtos de higiene corporal e cosméticos, são fundamentais para

o nosso bem-estar e saúde», mas o seu uso, ao longo dos tempos, «tem muito a ver com as mentalidades e questões de ordem social», acrescenta o docente da FFUC.

No século XIX, os progressos da química e de outras áreas científicas, o conhecimento microbiológico, reflectiram-se na investigação cosmética e a indústria começa a produzir em grande escala. É dos Estados Unidos, da França e da Alemanha que chegam as primeiras marcas de referência, Colgate, Guerlain, Wella, Gillette, L'Oréal, entre outras. Em Portugal, em 1897, é fundada a empresa que se viria a designar Ach. Brito, famosa pelos seus sabonetes; a pasta medicinal Couto foi criada em 1932, também no Norte do país; e, em 1942, abre em Lisboa o primeiro instituto de beleza

português, pela mão da farmacêutica, formada na Universidade de Coimbra, Inácia Camila da Fonseca Pereira Campos. A Madame Campos, que estudou cosmética e química perfumista em França, criou e deu nome a produtos cosméticos e foi precursora de tratamentos estéticos para a obesidade ou rugas.

“O universo luminoso dos cosméticos” percorre diversos séculos até às inovações da nanotecnologia, num século XX de cirurgias cosméticas, implantes de colágeno e injeções de botox. Ao longo dos tempos, «os cosméticos usam-se por razões religiosas, estéticas e sociais, psicológicas (auto-estima e aceitação sociedade) e até de saúde, por exemplo para tratar problemas de pele», resume Victoria Bell, responsável pela organização da exposição.



Victoria Bell e João Rui Pita numa das visitas à exposição patente na Faculdade de Farmácia

- P.6